



ENTEXTUALIZAÇÕES EM EVENTOS DE LETRAMENTOS DE ARTE E REEXISTÊNCIA DAS JUVENTUDES: RESSIGNIFICAR PARA REEXISTIR EM CONTEXTOS PERIFÉRICOS

Tito Wandick Nogueira Maciel¹

Claudiana Nogueira de Alencar²

Antonio Oziêlton de Brito Sousa³

Resumo: Neste artigo, buscamos analisar processos de entextualizações em eventos de letramentos de reexistência (Souza, 2011), a partir da perspectiva da Pragmática Cultural, que propõe uma pesquisa linguística descolonial e interventora (Alencar, 2015). Tais processos são vivenciados nas interações entre Movimentos Sociais da Serrinha, na periferia de Fortaleza, e a Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mais especificamente, focalizamos o Sarau de luta que marca a gênese do Movimento Arte e Reexistência Periférica e o Fórum Popular da Grande Parangaba. Considerados como jogos de linguagem, constitutivos de gramáticas de resistência, esses eventos entextualizam as experiências de diálogo entre pesquisadores e extensionistas da universidade e os movimentos culturais juvenis da periferia de Fortaleza, em signos indexais tais como “reexistência” e “atravessar a rua”. Como aparato metodológico, utilizamos a cartografia (Passos; Kastrup; Escossia, 2009), que se propõe a acompanhar processos e não produtos. Os resultados gerados indicam que é possível construirmos, em diversos jogos de linguagem, modos de produzir conhecimento em favor da vida da população periférica, evidenciando novas relações entre os movimentos sociais e a universidade, em concepções de linguagem mais comprometidas com um projeto popular que alie teoria e prática na produção de saberes.

Palavras-chave: entextualizações; letramentos; reexistência; periferia.

ENTEXTUALIZATIONS IN EVENTS OF ART LITERACY AND YOUTH REEXISTENCE: RESIGNING TO REEXIST IN OUTLYING CONTEXTS

Abstract: The purpose of this article is to analyze processes of entextualization in events of reexistence literacy (Souza, 2011), from the perspective of the Cultural Pragmatics, that proposes an intervenor latin-american post-colonial linguistic research (Alencar, 2015). These processes are experienced in the interactions between the Social Movements of Serrinha, in the Fortaleza periphery, and the State University of Ceará (UECE). We focus especially on the Fight Soriée that marks the genesis of the Outlying Art and Reexistence Movement and the Grande Parangaba Popular Forum. Known as language games, constituted by a resistance grammar, these events entextualize the experiences of dialogue between researchers and extensionists of the university and the youth cultural movements of the periphery of Fortaleza, through index signs such as "reexistence" and "crossing the street". We use cartography as the methodological mechanism (Passos; Kastrup; Escossia, 2009), which proposes to keep track of

¹ Militante. Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará – UECE, Fortaleza-CE. wandicknogueira@gmail.com

² Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), São Paulo-SP, com Doutorado Sanduíche na Universidade de Birmingham, Reino Unido. claudiana.alencar@uece.br

³ Mestre em Educação e Ensino pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza-CE. ozieltonsousa@hotmail.com



processes and not products. The results show that it is possible to construct ways of producing knowledge in favor of outlying population lives in several language games, evidencing new relations between social movements and the university, in language conceptions more committed to a popular project that brings together theory and practice in the production of knowledge.

Keywords: entextualization; literacy; reexistence; outlying.

ENTEXTUALISATIONS DANS LES EVENEMENTS DE LITTERATIE DE L'ART ET REEXISTENCE DE LA JEUNESSE: DONNER UN NOUVEAU SENS A REEXISTER DANS DES CONTEXTES PERIPHERIQUES

Résumé: Dans cet article, nous analysons les processus de entextualisations littéraires des événements de reexistence (SOUZA, 2011), du point de vue de la Pragmatique culturelle, qui propose une recherche linguistique décoloniale et d'intervention (ALENCAR, 2015). De tels processus sont expérimentés dans les interactions entre les mouvements sociaux de la Serrinha à la périphérie de la Fortaleza, et l'Universidade Estadual do Ceará (UECE). Plus précisément, nous concentrons sur la Soirée de lutte qui marque genèse de Movimento Arte e Reexistência Periférica et le Forum Popular da Grande Parangaba. Considérés comme jeux de langage, constitutives des grammaires de résistance, ces événements entextualisation les expériences de dialogue entre les chercheurs et les personnes qui travaillent à l'extension de l'université et les mouvements culturels de la jeunesse de la périphérie de Fortaleza, en signes indexés tels comme «reexistência» et «atravessar a rua ». Comme un appareil méthodologique, nous utilisons la cartographie (PASSOS, KASTRUP, ESCOSSIA, 2009), qui vise à surveiller les processus et non produits. Les résultats obtenus indiquent qu'il est possible de construire dans les différents jeux de langage, des moyens de production de connaissances pour la vie de la population périphérique, mettant en évidence de nouvelles relations entre les mouvements sociaux et l'université, dans les concepts linguistiques plus compromis avec un projet populaire qui combine théorie et pratique dans la production de connaissances.

Mots-clés: entextualisations; littérature; reexistence; périphérie.

ENTEXTUALIZACIONES EN EVENTOS DE LITERACIDADES DE ARTE Y REEXISTENCIA DE LAS JUVENTUDES: RESIGNIFICAR PARA REEXISTIR EN CONTEXTOS PERIFÉRICOS

Resumen: En este artículo buscamos analizar procesos de entextualizaciones en eventos de literacidad de reexistencia (Souza, 2011) desde la perspectiva de la Pragmática Cultural, que propone una investigación lingüística descolonial e interventora (Alencar, 2015). Tales procesos son vivenciados en las interacciones entre Movimientos Sociales del barrio Serrinha, en la periferia de Fortaleza, y la Universidad Estadual de Ceará (UECE). Más específicamente, abordamos el Sarao de lucha que marca el origen del Movimiento Arte y Reexistencia Periférica y el Foro Popular de la Grande Parangaba. Considerados como juegos de lenguaje, constitutivos de gramáticas de resistencia, esos eventos entextualizan las experiencias de diálogo entre investigadores y extensionistas de la universidad y los movimientos culturales juveniles de la periferia de Fortaleza, en signos indexales tales como "reexistencia" y "cruzar la calle". Como herramienta metodológica, utilizamos la cartografía (Pasos, Kastrup, Escossia, 2009), que se propone a acompañar procesos, no productos. Los resultados generados indican que es posible construir, en diversos juegos de lenguaje, modos de producir conocimiento a favor de la vida de la población periférica, evidenciando nuevas relaciones entre los movimientos sociales y la universidad, en concepciones de lenguaje más comprometidas con un proyecto popular que conecte teoría y práctica en la producción de saberes.

Palabras-clave: entextualizaciones; literacidades; reexistencia; periferia.

INTRODUÇÃO

O capitalismo, em sua vertente globalizada, submete a sua lógica, tanto os grupos que fazem parte da subsunção real como os subsumidos formalmente. A linguagem assume papel central nessa nova forma de organização da sociedade, pois o discurso torna-se um dos recursos mais utilizados na disseminação do projeto neoliberal, de maneira que a reestruturação e o reescalonamento do capital implicam a reestruturação semiótica.

Considerando a atual conjuntura de expansão da miséria e das desigualdades sociais, perpetrada pelo sistema-mundo colonial capitalista, percebemos o caráter preferencial da violência nas relações “entre o racismo, a exploração capitalista, o monopólio do saber e a história colonial moderna” (Maldonado-Torres, 2008, p. 96). Desse modo, as relações de colonialidade do ser, do saber e do poder são constituídas a partir da modernidade colonizadora que, com o fim das “administrações coloniais” e a independência dos Estados-nação submete os povos não-europeus à exploração e dominação europeia/euro-americana” passando do “colonialismo global” para um período de “colonialidade global” (Grosfoguel, 2009).

A partir desse quadro, podemos olhar para a Fortaleza, a quinta maior capital do Brasil, e entender por que o alto índice de homicídios de jovens em nossa cidade traz as marcas da colonialidade de raça e classe. Jovens pobres e negros são vulnerabilizados pela face atual do capitalismo, o neoliberalismo, que não apenas prega a diminuição dos investimentos sociais, mas extermina as vidas dos que estão no sul do sofrimento global (SantoS e Menezes, 2009).

Nesse contexto, percebemos a necessidade de realizar estudos linguísticos na perspectiva integracionista, em que linguagem e vida social não sejam abordadas separadamente. Por esse viés, os estudos críticos da linguagem têm recebido contribuições da Pragmática Cultural (Alencar, 2013), uma proposta de pesquisa-intervenção, que defende uma perspectiva linguística que olhe para o cotidiano como cultura, considerando tanto as micro interações linguísticas concretas das pessoas reais,



vistas como sujeitos historicamente situados, capazes de intervir no mundo por meio de suas práticas nos diversos jogos de linguagem reais em que interagem, quanto as macroestruturas indexicalizadas em nossas formas de linguagem cotidiana .

A partir de uma investigação-ação dos letramentos dos movimentos sociais da Serrinha, por meio do Programa Viva a Palavra, propomo-nos a refletir sobre o aspecto dialógico das práticas de entextualização realizadas por meio de dois eventos de letramentos que se configuram como jogos de linguagem: um sarau de luta que marca a criação de um novo movimento social na Serrinha e os desdobramentos, no âmbito da universidade, do Fórum Popular na Grande Parangaba.

A Serrinha, bairro onde está situada a sede da Universidade Estadual do Ceará (UECE), o campus do Itaperi, faz parte da macrorregião Grande Parangaba. As ações do Viva a Palavra acontecem nas comunidades do entorno do campus do Itaperi, estabelecendo socialidades e interações dialógicas com os seguintes movimentos e coletivos: Associação Amor Base, Movimento Hip Hop, Enquadro Rap, Movimento Pró-Parque Lagoa da Itaperaoba, Movimento Político e Cultural Ensaio Rock, Movimento “Ocupe UECE” (Alencar, 2015).

Além dos movimentos apresentados acima, destacamos a gênese do Movimento Arte e Reexistência Periférica, que se constitui a partir da integração e diálogo com vários coletivos do bairro e com a inserção de alguns de seus membros no âmbito universitário. A identidade do movimento é apresentada no manifesto, distribuído e apresentado, em um sarau de luta que oficializa sua gênese ao postular que “nós, povo preto e pobre da periferia temos que reexistir. O referido evento ocorreu no início de dezembro de 2017 e aponta para a relação dos movimentos sociais e culturais da comunidade com a universidade, uma vez que tais movimento se apropriam da categoria “reexistência”, pensada por Ana Lúcia Silva Souza (2011) e utilizada pelo Programa de Extensão Viva a Palavra, e a entextualizam nas práticas constitutivas das lutas periféricas.

A concepção de letramento na perspectiva crítica adota o modelo ideológico e compreende o letramento por meio de práticas concretas, de maneira que resultam da cultura, da história e dos discursos. A partir dos letramentos críticos, Souza (2011) propõe a categoria letramentos de reexistência, que podem ser entendidos como as práticas sociais de linguagem, recorrentes em âmbito não escolar, que consideram as



identidades sociais dos sujeitos no exercício cotidiano da construção do conhecimento e promovem a subversão das ordens indexicais⁴ de colonialidade. Desse modo, entendemos que os sujeitos não apenas resistem às formas de vida de opressão e exclusão, provocadas pelo sistema-mundo colonial capitalista, como criam novas formas de vida, entextualizando experiências, reinscrevendo-se por outros jogos de linguagem, do campo da arte e da política, em um movimento contra-hegemônico anti-capitalista.

A entextualização pode ser entendida como o processo contínuo em que textos e discursos tornam-se extraíveis para serem levados para fora do seu evento interacional, possibilitando que trechos ou textos viagem para além do seu contexto de origem, permitindo a construção de novos sentidos no trânsito de um contexto a outro (Bauman; Briggs, 1990).

O Programa de Extensão Viva a Palavra: circuitos de linguagem, paz e resistência da juventude negra da periferia de Fortaleza, da Universidade Estadual do Ceará, coordenado pela Professora Dra. Claudiana Nogueira de Alencar, pretende valorizar e fortalecer os letramentos críticos das juventudes das comunidades periféricas de Fortaleza. Tais práticas de letramentos realizadas por meio de diversos jogos de linguagem - cirandas de leitura, oficina de produção de poesia, oficina de narração, saraus de luta, reuniões da associação, círculos de leitura, fóruns de diálogos etc - podem contribuir para o desenvolvimento da conscientização, fortalecendo a resistência e a promoção da cultura de paz e a valorização da vida das/dos jovens na comunidade (Alencar, 2014). O Programa apropria-se do ato de fala “atravessar a rua” proferido por um jovem da Serrinha para pensar em uma pesquisa pragmática comprometida com a transformação das comunidades internas e externas, uma pesquisa que articule teoria e prática, ensino e extensão, entextualizando este ato de fala em uma linguística que atravesse a rua, levando-o “para fora do seu evento interacional de origem” (Silva, 2014, p. 68).

4 De acordo com Blommaert (2010), as ordens indexicais indicam os valores, as crenças ou normas que são hierarquizados, estratificados e apontados no processo de indexicalização de discursos por meio de escalas locais e translocais. Trata-se de procedimentos impostos por qualquer sociedade ou pelo próprio discurso com o objetivo de controlar as produções discursivas, fazendo emergir diversos discursos de acordos com determinados interesses.



A partir dessa proposta de uma linguística que atravessasse a rua, este trabalho procura refletir sobre vivências e diálogos construídos, não sem conflitos, entre universidade e comunidade. Essa relação se materializa nas formas linguísticas indexicais, nas entextualizações realizadas pela universidade a partir de discursos oriundos dos movimentos, assim como nas entextualizações dos discursos acadêmicos por parte dos coletivos culturais da periferia. Eventos de letramentos como os saraus de luta e fóruns têm se delineado como jogos de linguagens nos quais essa relação pode ser percebida e analisada a partir da sua produção, circulação e consumo. Para isso, é preciso escutar a perspectiva dos povos periféricos, reconhecendo-lhes a voz, seus atos de resistência, incentivando a organização de movimentos acerca das questões que consideram mais emergenciais.

Consideramos que, diante da atual organização social, na qual as práticas neoliberais são hegemônicas, a luta contra as dominações se materializa nas lutas dos movimentos sociais, políticos e culturais, tornando-se relevante a realização de estudos que desconstruam os axiomas construídos em torno dos processos de dominação endógenos e exógenos.

A partir dos eventos de letramentos promovidos pelas duas agências em questão – movimentos sociais e Viva a Palavra - pretendemos contribuir para afirmar os espaços e os modos de produzir conhecimentos em favor da vida da população periférica no Brasil, evidenciando outras compreensões sobre os movimentos sociais existentes na Serrinha, assim como novas relações dos movimentos e entidades com a Universidade Estadual do Ceará. Dessa maneira, discutiremos sobre os movimentos sociais e a construção de um novo sujeito histórico (Gohn, 2011; Houtart, 2007; Castells, 1999; Hall, 1997; 2000); Letramentos Críticos (Souza, 2011; 2016; Street, 2014); Pragmática Cultural (Alencar, 2009; 2014; 2015); Entextualização (Bauman; Briggs, 1990).

OS MOVIMENTOS SOCIAIS E A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO SUJEITO HISTÓRICO

A atual ordem social tem gerado uma série de problemas e desigualdades, colocando as mazelas e as opressões geradas pelo capital como necessárias para que esse sistema mantenha-se vivo. As mudanças realizadas na economia global têm sido



colocadas como inevitáveis, de maneira que o único caminho apresentado pelos grupos hegemônicos é a adaptação e a convivência com a nova vertente do capital – global e neoliberal.

Com a reestruturação do capital, os campos não-econômicos da vida social vêm sendo submetidos aos ditames da economia, estabelecendo novas relações entre as diferentes escalas que organizam a vida em sociedade – global, regional, nacional e local – possibilitando que o capitalismo mantenha-se cada vez mais fortalecido e possa ser visto como a única maneira de organizar a sociedade. Desse modo:

A reestruturação e o reescalonamento do capitalismo é em parte um processo semiótico – a reestruturação e reescalonamento das ordens do discurso, envolvendo novas relações estruturais e escalares entre os gêneros, discursos e estilos. A língua também é importante para a realização dessa reestruturação e reescalonamento do capitalismo [...] os discursos neoliberais são uma parte [...] dos recursos empregados na busca da concretização do projeto neoliberal (Fairclough; Melo, 2012, p. 315).

Ao considerar a linguagem como forma de ação, os atores sociais podem constituir a vida de maneira distinta do que propõe o neoliberalismo. Como as práticas sociais constituem as ordens sociais, mudar essas práticas é um caminho para transformar a ordem social vigente.

Toda ordem social, inclusive a neoliberal emergente do capitalismo, possui aspectos semióticos denominados de ordem de discurso, que pode ser entendida como as possibilidades dos diversos gêneros e discursos se inter-relacionarem e viabilizarem modos de constituir sentidos. “Um aspecto dessa ordenação é a dominância: algumas maneiras de construir sentidos são dominantes ou estão em voga para certas ordens do discurso; outras são marginais, subversivas, alternativas” (Fairclough; Melo, 2012, p. 310).

Na contemporaneidade, diversos grupos sociais têm sido excluídos socialmente pelo sistema capitalista, fazendo com que os processos sistemáticos contra as formas de poder e opressão sejam cada vez maiores. Ao mesmo tempo que o capital torna-se neoliberal, amplia-se o número de grupos sociais submetidos à exploração e à exclusão no interior desse sistema, fazendo surgir a necessidade de construção de um novo sujeito histórico que seja popular, múltiplo e plural.



De acordo com Houtart (2007), o nascimento do proletário ocorre quando o capitalismo realiza um primeiro salto e constitui as bases materiais de sua reprodução – divisão do trabalho e industrialização. Diante disso, os trabalhadores estão submetidos ao capital dentro do próprio processo de produção, possibilitando a subsunção real do trabalho pelo capital. Nesse contexto:

A nova classe se transformou em sujeito histórico quando se construiu no próprio seio das lutas, passando do estatuto de “uma classe em si a uma classe para si”. Não era o único sujeito, mas sim, o sujeito histórico, isto é, o instrumento privilegiado da luta de emancipação da humanidade, em função do papel jogado pelo capitalismo (Houtart, 2007, p. 460).

Com o desenvolvimento do capital, o sujeito histórico, oriundo das contradições capitalistas, ganha novas conotações. A partir das exigências do capital financeiro que se transforma em capital especulativo, o capitalismo realiza um novo salto, tendo início a sua fase neoliberal, a qual se materializou em uma dupla ofensiva, contra o trabalho e contra o Estado.

Antes, só a classe operária assalariada era submetida à lei do valor. Hoje, diversos grupos humanos sofrem as consequências das desigualdades geradas pelo capitalismo em sua vertente neoliberal. A subsunção que antes era real, estando diretamente ligada à classe operária trabalhadora, agora é, também, formal, de maneira que os diversos grupos humanos – povos nativos, mulheres, trabalhadores informais, negros, pequenos camponeses, moradores do campo e da periferia – tem sido submetidos à lógica do capital. É notável que “mais que nunca, o capitalismo destrói, como notava Karl Marx há mais de um século e meio, as duas fontes de sua riqueza: a natureza e os seres humanos” (Houtart, 2007, p. 461).

A lógica capitalista é institucionalizada, de maneira que, ao se tornar globalizado, esse sistema funda suas próprias instituições e cria aparelhos ideológicos, construindo as condições materiais para que os ideais capitalistas neoliberais consigam afetar a totalidade das relações sociais, atingindo desde o campo econômico até campos como o da saúde, da educação, da cultura, do meio ambiente, do lazer etc.

O atual estágio do capitalismo, neoliberalismo, pode ser visto como o principal responsável pela reorganização e reescalonamento das práticas sociais, assim como pelo estabelecimento de novas relações sociais, de maneira que, ao mesmo tempo em que o



capital torna-se neoliberal, amplia-se o número de grupos submetidos à exploração e à exclusão no interior desse sistema, fazendo surgir a necessidade de construção de um novo sujeito histórico que:

[...] se estende ao conjunto dos grupos sociais submetidos, tanto aqueles que formam parte da submissão real (representados pelos chamados “antigos movimentos sociais”) como os que integrariam o grupo dos subsumidos formalmente (“novos movimentos sociais”). O novo sujeito histórico a ser construído será popular e plural, isto é, constituído por uma multiplicidade de atores [...] (Houtart, 2007, p. 462).

Com o desenvolvimento do capital, o sujeito histórico, oriundo das contradições capitalistas, ganha novas conotações. As contradições e as desigualdades se globalizam, fazendo surgir movimentos que contestam a ordem vigente, inclusive via linguagem, possibilitando a construção do novo sujeito, capaz de atuar sobre a realidade múltipla (im)posta pelo neoliberalismo. Nesse contexto, “vemos os movimentos sociais como ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam distintas formas da população se organizar e expressar suas demandas” (Gohn, 2011, p.13).

As iniciativas denominadas de novos movimentos sociais vão além da luta por melhores condições de vida. Esses movimentos se configuram verdadeiros produtores da história e contribuem significativamente para a construção de uma nova forma de sociabilidade. Para que as práticas de um grupo possibilitem que ele seja significado como um novo movimento social, é necessário que seus membros reflitam sobre a organização do próprio grupo, lutem contra as imposições neoliberais e proponham, de alguma maneira, a transformação social (Houtart, 2007).

O Movimento Arte e Reexistência Periférica pode se configurar como um movimento que se constitui a partir de outros movimentos e atende todas as indicações de Houtart (2007), uma vez que é fruto de encontros de representantes de diversos movimentos sociais e de moradores da Serrinha; o manifesto de criação deixa claro a luta contra os ditames do capital – “[...] essa crise, criada pelos grandes capitalistas nacionais e internacionais, é um campo fértil para o acirramento da luta de classes”; propõe a transformação social por meio da criação, reinvenção e ressignificação dos espaços urbanos em que a população periférica desenvolve formas de vida, inclusive por meio da linguagem.



Partindo do pressuposto de que a construção de novas identidades opera de maneira dialética com a construção do novo sujeito histórico, entendemos a identidade como coletiva, fruto de um construto social e marcadamente influenciada pelas relações de poder (Hall, 2000). Assim, podemos destacar três formas e origens de construção de identidades:

Identidade legitimadora: introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação [...]. Identidade de resistência: criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação [...] Identidade de projeto: quando os atores sociais utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, buscam a transformação de toda a estrutura social (Castells, 1999, p.24).

Nesse contexto, conquistar uma identidade social no sentido pleno seria, então, uma questão de assumir papéis sociais e personificá-los, investindo-os com sua própria personalidade. As identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela, estabelecendo-se por meio da relação com o outro, da relação com aquilo que não é. Desse modo, “As identidades são pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós” (Hall, 2000 p. 111).

Percebemos que a identidade não pode ser vista como algo pronto e acabado, encontra-se sempre em processo, sucessivamente em formação. Segundo Hall (1997), as antigas identidades, que estabilizaram o mundo social, estão em decadência, surgindo novas identidades, fragmentando o sujeito moderno, que antes era visto como um sujeito unificado. Surge, assim, a “crise de identidade”, deslocando as estruturas e os processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma posição estável no mundo social.

Tendo em vista que a realização de entextualizações, no âmbito dos eventos de letramentos é uma prática que constitui as identidades dos sujeitos, podemos identificar nos dois jogos de linguagem – sarau de luta e fórum popular - como as identidades subalternizadas pelo sistema mundo eurocêntrico colonial se configuram ao produzirem reexistência.

AS VOZES DA PERIFERIA NOS LETRAMENTOS DE REEXISTÊNCIA



A construção de identidades é influenciada pelas agências de letramentos, que podem ser vistas como movimentos e espaços coletivos, abrigando os mais diversos eventos que envolvem linguagem nos quais os sujeitos estão inseridos cotidianamente (Kleiman, 1995). Nesse contexto, os letramentos críticos contribuem para geração de formas de resistência e se materializam como capazes de promover processos emancipatórios/libertadores.

O letramento é compreendido como uma prática social e, mais do que avaliar o que os sujeitos sabem sobre textos escritos, leva em consideração como as pessoas usam determinados textos e o que fazem com eles em contextos históricos e culturais diversos. Por isso, devemos compreender que “[...] vivemos práticas sociais concretas em que diversas ideologias e relações de poder atuam em determinadas condições, especialmente se levarmos em consideração as culturas locais, questões de identidade e as relações entre os grupos sociais” (Street, 2014, p.9).

As teorias do letramento numa perspectiva crítica consideram que as práticas de linguagem possuem significados culturais, alegações ideológicas e se inserem em relações de poder (Street, 2014). A oralidade, a leitura e a escrita, em sua natureza social e em seu caráter múltiplo, constituem-se a partir de perspectivas transculturais, fazendo com que vejamos:

[...] as práticas de letramentos como múltiplas e historicamente situadas. Longe de serem homogêneas, pois modeladas e construídas culturalmente, são marcadas pela heterogeneidade e estão relacionadas aos papéis e aos lugares sociais que ocupamos, ou somos impelidos a ocupar na sociedade (Souza, 2011, p.34).

Os Novos Estudos do Letramento, desenvolvidos por Street (2014), a partir dos anos oitenta, são construídos com base no modelo ideológico e se referem a práticas sociais de linguagem que envolvem questões de raça, etnia, sexualidade, gênero, diversidade cultural e grupos sociais. Para essa vertente, cada contexto exigirá um trabalho com um letramento específico, apropriado, de maneira que a opção é uma decisão política e jamais neutra.

Ao acompanhar as práticas de linguagem da juventude da periferia, por meio dos eventos de letramentos oriundos das diversas agências, podemos contribuir para a



desconstrução dos discursos já cristalizados e valorizar as práticas letradas para além daquelas sistematizadas e impostas como únicas pela sociedade moderna.

Nosso foco está nas práticas de letramentos de duas agências que produzem eventos de letramentos no bairro Serrinha – o Movimento Arte e Reexistência Periférica e o Programa Viva a Palavra, que vêm realizando saraus de luta e fóruns populares, jogos de linguagem que são materializados como eventos de letramentos, que a partir das discussões de Street (2012), podem ser entendidos como os episódios observáveis que emergem de práticas inerentes a situações de interação entre os sujeitos por meio dos diversos usos das várias formas de linguagem.

Um mesmo evento pode ser praticado de diversas maneiras, pois as práticas de letramentos se configuram como os modos culturais dos sujeitos utilizarem os letramentos produzidos em determinado evento, são modelos construídos para uso cotidianos pelos agentes que produzem as práticas sociais de linguagem (Kleiman, 1995). Portanto, as práticas de letramento não são neutras, estão vinculadas a aspectos ideológicos, constituindo-se como social e culturalmente determinadas.

No contexto da periferia, podemos encontrar formas de resistência a partir dos letramentos alternativos. Neste estudo, entendemos os letramentos como uma interface entre linguagens e práticas sociais, de maneira que os usos sociais que fazemos da linguagem podem contribuir tanto para manutenção quanto para transformação da realidade.

A partir de Souza (2011), torna-se possível o trabalho com uma nova categoria denominada de letramentos de reexistência. A proposta da pesquisadora possibilita uma reinvenção de práticas de usos das linguagens que os sujeitos realizam, ancoradas nos referenciais e na história de vida das pessoas. É preciso considerar que histórias de vida de diversos sujeitos, muitas vezes, são silenciadas, colocadas à margem do sistema capitalista, de maneira que os letramentos de reexistência são, também, uma maneira de trazer à tona as vozes silenciadas.

Diante disso, os letramentos de reexistência podem ser compreendidos como maneiras de produzir usos sociais que sejam capazes de “capturar a complexidade social e histórica que envolve as práticas cotidianas de uso da linguagem” (SOUZA, 2011, p. 36) apontando para a reinvenção dos usos sociais da oralidade, do verbal e do não



verbal, dos movimentos dos corpos que provocam e deslocam as identidades étnico-raciais, de gênero, sexualidade, etárias e outras que nos são caras.

Assim, reexistir é, também, criar espaços para propagação das vozes silenciadas, permitindo que atos de fala materializados em jogos de linguagem contra-hegemônicos possam ser construídos, utilizando a linguagem para valorizar e estabelecer novos pontos de vista para as realidades periféricas, resistindo para existir de outras maneiras (Souza, 2016) diante das novas opressões do capital, possibilitando a construção de novas formas de vida para além do que vem sendo imposto pelo modo de sociabilidade hegemônica.

A reexistência pode ser evidenciada em diversos eventos de letramentos vivenciados pela população da Serrinha. Para este trabalho, analisamos o sarau de luta realizado em dezembro de 2017 na Praça da Cruz Grande, conhecida como Praça da Juventude e os desdobramentos do Fórum Popular da Grande Parangaba, realizado pela Pró-Reitoria de Extensão-PROEX, na Universidade Estadual do Ceará, em 2014. Esses eventos se constituíram como formas de reexistência e apontam para uma visão da linguagem como forma de ação, contribuindo para a transformação das relações sociais de opressão na periferia.

Os dois eventos se configuram como jogos de linguagens, pois não reduzem a linguagem a signos, nem a uma ferramenta com a função de transmitir algo. Trabalham a linguagem como uma forma de ação social, assim como cozinhar, namorar, estudar, pesquisar, dramatizar, ouvir música, ler, pedir, agradecer, cantar etc. Todas essas maneiras de se viver na e pela linguagem, Wittgenstein (1989) concebe como “jogos de linguagem”, salientando que todos esses “jogos” materializam “formas de vida”.

No jogo de linguagem sarau, a reexistência se delinea através da produção, distribuição e consumo. Para realizar o sarau na praça, os organizadores precisaram de um documento com assinatura e Cadastro de Pessoa Física de vinte e seis moradores para entregar na Secretaria Executiva Regional IV de Fortaleza. No entanto, isso garantiu apenas o agendamento do espaço público. Os organizadores tiveram que chegar cedo para garantir a apropriação do espaço e a realização do evento.

Aos poucos, equipamentos de som, cartazes, obras de artes dos jovens da periferia, pessoas da comunidade, professores e estudantes da Universidade Estadual do Ceará preencheram os espaços da praça. Nessa diversidade, as regras do jogo sarau



foram estabelecidas, ao mesmo tempo em que se cantava uma música, panfletos com um manifesto sobre a gênese de um novo movimento foram entregues, ficando nítido que, naquele momento, a praça era do povo.

Após algumas músicas e poesias, um dos organizadores pediu a palavra e leu o manifesto do Movimento Arte e Reexistência Periférica, destacando que de imediato buscavam a revitalização da Praça da Cruz Grande, mas que o movimento tem o objetivo de questionar a expansão da cidade e remodelagem da paisagem urbana. Por isso, perguntam: “A quem serve e quais os interesses dessa expansão?” e ao mesmo tempo respondem: “Nós, moradores da Serrinha, sabemos muito bem que todas essas obras espalhadas pela cidade não atendem, nem de longe, a demanda da periferia. Na verdade, o que sempre existiu foi descaso do poder público para atender as reais necessidades do povo pobre e negro”.

Em seguida, a palavra ficou aberta e diversos coletivos culturais começaram a participar, recitando e cantando. Houve, também, a participação dos representantes da Universidade Estadual do Ceará, que recitaram poemas, fazendo-se parte, tornando-se comunidade, mostrando a “maior integração de ações entre as partes, universidade e comunidade, para o fortalecimento das relações e a troca de saberes” (Alencar, 2015, p. 148).

No jogo de linguagem fórum, a reexistência está no estabelecimento das próprias regras do jogo. O fórum foi uma das ações do Programa Diálogos UECE-Comunidade⁵, desenvolvido durante a gestão da Pró-Reitora Dra. Claudiana Nogueira de Alencar, pode ser entendido como “[...] vivências provocadas pela conquista de professoras, professores e estudantes para garantirem o preceito da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão na universidade brasileira” (Alencar, 2015, p. 145).

Como o objetivo do fórum foi a maior integração de ações entre universidade e comunidade, fortalecendo as relações e a troca de saberes, houve a apresentação das possibilidades de interação da universidade com a comunidade por meio de vários projetos de extensão.

⁵ Programa desenvolvido pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual do Ceará-UECE, a fim de incentivar a interação dialógica entre a UECE e a sociedade, por meio de ações coordenadas de extensão universitária junto às comunidades do entorno aos campi da UECE, com ênfase no diálogo, na troca de saberes e na articulação com os líderes comunitários, movimentos e organizações sociais.



Em seguida, abriu-se espaço para perguntas e alguns jovens se manifestaram, solicitando a palavra e produziram dentre outros, os seguintes atos de fala: “Não pensa que vão nos domesticar com esses projetos! Não vem não!”; “A universidade não dá acesso aos jovens da comunidade que vê de longe esse grande equipamento, mas não pode utilizar”; “Essa universidade aí quer mudar o mundo e não consegue nem atravessar a rua”. Esses atos performativos mostram a reexistência dos jovens em relação à dura realidade em que vivem, configurando-se como uma denúncia da realidade opressora.

A partir das escutas, outro fórum foi marcado, possibilitando que os coletivos presentes pudessem, inclusive, discutir com a universidade a metodologia utilizada na realização do próximo evento. “Desse modo, os passos metodológicos propostos em minha pesquisa inicial (cartografia, ressignificação e intervenção), foram modificados, por parte dos sujeitos da pesquisa, que trabalhavam com educação popular” (Alencar, 2015, p.154). Sugeriram que se utilizasse a metodologia freireana, o Círculo de Cultura e que o evento fosse realizado em um espaço que possibilitasse a realização de um círculo.

Assim, esses eventos de letramentos podem ser considerados jogos de linguagem, constituídos por atos de fala que trazem as vozes da periferia, constituindo as gramáticas de reexistência, uma vez que propõem ações transformadoras e indicam o diálogo entre a universidade e a comunidade, constituindo uma práxis revolucionária (Freire, 2013).

PRAGMÁTICA CULTURAL: UMA PESQUISA DE INTERVENÇÃO NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM

A partir das discussões apresentadas anteriormente e considerando que este trabalho propõe a inclusão, na pesquisa acadêmica, de práticas sociais marginalizadas – a produção, a interpretação e o consumo dos letramentos produzidos pelos movimentos sociais da Serrinha, identificando de que maneira as agências de letramentos têm contribuído para construção de novas identidades e de um novo sujeito histórico – adotamos como perspectiva de estudos a Pragmática Cultural.

Ao delinear essa abordagem dos estudos críticos da linguagem, Alencar (2015) leva em conta a ideia da significação como uso linguístico e como ação, de Wittgenstein



(1989), concebendo a linguagem como uma forma de vida; a linguagem como ação, por meio da teoria dos atos de fala de Austin (1990), desprezando a releitura feita por Searle; as noções de palavra mundo, palavra vida de Freire (2013), materializadas na linguagem como ação-reflexão-ação, ou seja, linguagem como práxis.

A Pragmática Cultural é uma vertente dos estudos críticos da linguagem que foca na interação linguística concreta de pessoas reais, voltando-se para o debate sobre dimensões éticas e políticas da linguagem; uma pragmática histórica e discursiva, norteada por uma concepção de linguagem como práxis, preocupada com as implicações práticas do trabalho do/a linguista para/na sociedade. Trata-se da superação da concepção que “[...] gerou o homem cartesiano que se sonhou senhor de si mesmo e, portanto, capaz de olhar o mundo sem se misturar com ele [...]” (Arrojo; Rajagopalan, 1987, p. 19).

A partir dessa nova visão de ciência, compreende-se “que todo ato de fala e todo sentido é historicamente constituído a partir de diversos fatores (sociais, culturais, econômicos, políticos) integrados na produção e interpretação linguísticas.” (Alencar, 2009, p. 3). Diante disso, e considerando o contexto periférico, no qual o Programa Viva a Palavra tem desenvolvido suas ações, Alencar (2015) sugere um desenho metodológico para uma Pragmática Cultural, proposta de pesquisa linguística que procura “atravessar a rua” que separa a academia das práticas e saberes culturais e populares.

O desenho proposto por Alencar (2015) está delineado em três fases: cartografia, ressignificação e intervenção. Esses passos podem ser modificados por parte dos sujeitos da pesquisa, os quais tem a oportunidade de propor outro desenho/percurso que melhor atenda à realidade e contribua para o desenvolvimento de práticas para transformar processos opressores.

Cartografia: nesta fase, busca-se cartografar diversas práticas discursivas cotidianas, focalizando suas gramáticas culturais, constitutivas das subjetividades de grupos sociais. Ressignificação: nesta fase, pretende-se analisar as linguagens da transformação no cotidiano dos agentes como modo de agência na constituição de uma gramática cultural que ressignifica a violência colonizadora, através de ritualizações, nomeações e narrações nas práticas políticas e culturais dos agentes. Intervenção: nesta fase, intenta-se possibilitar visibilidade à produção cultural desses grupos, respeitando,



suas demandas e desafios através da promoção de oficinas de conotação de histórias e rodas de leitura sobre questões escolhidas como importantes pelas participantes dos movimentos sociais e culturais.

Desse modo, com base na área de investigação nomeada de Pragmática Cultural, este texto considera as relações entre macro e micro de maneira integrada. A partir das filosofias da linguagem de Wittgenstein e Austin, mostra a possibilidade de uma análise de atos de fala a partir dos jogos de linguagem, articulando-se com a práxis de Paulo Freire, materializados nas entextualizações.

Nas Investigações Filosóficas, Wittgenstein (1989) percebe que o sentido das palavras advém não mais de uma correspondência entre linguagem e mundo, mas de seus usos na linguagem diária. Dessa forma, ele propõe que a linguagem seja percebida enquanto uma atividade, de fato, humana, uma “forma de vida”.

Isso significa dizer que linguagem não se reduz a signos, nem a uma ferramenta com a função de transmitir algo. Linguagem é uma forma de ação social, assim como pesquisar, dramatizar, ouvir música, ler, pedir, agradecer, cantar etc. Todas essas maneiras de se viver na e pela linguagem, Wittgenstein (1989) concebe como “jogos de linguagem”, salientando que todos esses “jogos” materializam “formas de vida”.

A postura wittgensteiniana de linguagem considera que todos os nossos modos de emprego da linguagem ordinária estão imersos em formas de vida. Tais maneiras de empregar a linguagem são nomeadas por Wittgenstein de jogos de linguagem, os quais são compreendidos como “[...] todo processo do uso das palavras [...], o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada” (Wittgenstein, 1989, p. 12).

“Há uma multiplicidade de jogos de linguagem, como prometer, ordenar, descrever, contar histórias, sugerir, ironizar etc. Essa multiplicidade corresponde a formas de vida” (Araújo, 2004, p. 106). Assim, podemos também compreender que os jogos se relacionam dialeticamente entre si. Neste trabalho, utilizaremos a Pragmática Cultural, analisando os jogos de linguagem inerentes às agências de letramentos dos movimentos sociais da Serrinha, a partir dos atos de fala que constituem os jogos selecionados.

Em uma abordagem de Pragmática cultural, os atos de fala são concebidos como a materialização da integração dos aspectos verbais e os ditos “não-verbais” das

ações praticadas pelos sujeitos participantes em um determinado jogo de linguagem. Assim, o conhecimento linguístico e o extralinguístico são integrados de um modo altamente complexo e não segregados (Alencar, 2009). Vale salientar que:

Austin cria o ato de fala e o desdobra em três partes, em três atos simultâneos: um ato locucionário, que produz tanto os sons pertencentes a um vocabulário quanto a articulação entre a sintaxe e a semântica, lugar em que se dá a significação no sentido tradicional; um ato ilocucionário, que é o ato de realização de uma ação através de um enunciado [...] Por último, um ato perlocucionário, que é o ato que produz efeito sobre o interlocutor (Ottoni, 1998, p. 35-36).

Ao cartografar as agências, eventos e práticas de letramentos, compreendemos a realidade a partir das consequências produzidas pelo ato de dizer algo, efeitos perlocucionários, oriundos dos diversos jogos de linguagem que constituem as práticas de letramentos desses movimentos.

De acordo com Austin (1990), sempre que falamos algo, estamos fazendo algo. Segundo essa concepção, ao utilizar a linguagem, realizamos ações no mundo social. Quando pronunciamos uma sentença, não estamos apenas dizendo algo, mas realizando uma ação. Quando empregada, então, em contextos específicos, a linguagem performatiza ações e projeta significados. Algumas palavras, ao serem proferidas, podem ser performativas não por relatarem algo, mas por realizarem ações específicas.

Fica evidente que a Pragmática Cultural também tem como base a práxis, categoria abordada por Paulo Freire, fundada no diálogo, na reflexão e na ação transformadora da realidade, contribuindo para a realização de ações libertadoras e revolucionárias.

Ao se reportar aos sujeitos que vivem à margem da sociedade e oprimidos pelo neoliberalismo, compreendemos que, através “[...] de uma práxis verdadeira, superam o estado de objetos, como dominados, e assumem o de sujeito da história (Freire, 2013, p. 216)”. Diante disso, a práxis “[...] sendo reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte de conhecimento reflexivo e criação” (Freire, 2013, p. 127), possibilitando a transformação da realidade opressora.

“As lutas e os movimentos sociais, enquanto práxis, têm forte conteúdo educativo, uma vez que levam os seres sociais a sentirem-se como sujeitos históricos de superação da realidade alienante” (Carvalho e Mendes, 2014, p.62). Por isso, os



movimentos sociais são integrantes das causalidades históricas e a luta por direitos confronta-se abertamente com a sede de expansão do capital, unificando sujeitos sociais de matizes diversas. Diante disso, precisamos:

[...] ir adiante dizendo que o que as/os pragmaticistas têm a falar depende do que fazem “do que falam sobre o que fazem com as palavras”. Ou seja, nossa metapragmática no processo de teorizar também tem seus efeitos perlocucionários, constituindo formas de vidas comprometidas ou não com a mudança da realidade cruel de injustiças sociais em que vivemos. Trata-se de fazer a pergunta: Para que investigamos? A serviço de quem investigamos? (Alencar, 2015, p. 146).

Assim, enquanto aparato teórico metodológico, a Pragmática Cultural, não pode ser descritivista ou interpretativista, mas deve ser uma investigação-ação, de maneira que os elementos do mundo também são constitutivos da linguagem, por isso, sujeitos, instituições, ideologias, tempo e espaço não são externos à linguagem, mas delimitados e específicos a determinados jogos de linguagem que podem materializar processos de entextualização.

ENTEXTUALIZANDO A RESISTÊNCIA

A partir da perspectiva pragmática de linguagem, podemos afirmar que “os textos circulam de forma bastante dinâmica por contextos móveis e imprevisíveis, e são interpretados por sujeitos múltiplos, não sendo possível, desta forma, dimensionar os efeitos de tais interpretações” (Costa, 2012, p.12).

Dessa maneira, os textos podem adquirir interpretações diversas e podem ser (re)contextualizados de modos diferentes dependendo do contexto no qual os sujeitos que os interpretam estejam inseridos. Esse processo que permite ao texto múltiplas interpretações e (re)contextualizações é denominado entextualização e enfatiza a dinâmica dos processos de significação característica de textos em movimento (Silverstein e Urban, 1996)

Blommaert (2010) define dois aspectos importantes em relação à (re)contextualização e à interpretação de textos. O primeiro é a ideia de que a possibilidade de mistura, hibridismo e ressignificação não exclui a estabilidade, de maneira que significados líquidos, enquanto emergentes nas interações locais, convivem



com os sólidos, pois esses são repetições sócio-históricas. O segundo aspecto diz respeito ao fato de os processos de (re)contextualização não se estabelecerem entre os interlocutores de modo simétrico ou isento de relações de poder, podendo causar práticas de opressão e exclusão aos sujeitos que vivem nos *lócus* periféricos.

Assim, “[...] a ‘entextualização’ está relacionada a projeções de determinados textos (ou discursos) em diferentes contextos de interação [...]. A recontextualização ocorre quando os textos são incorporados a novos contextos, sendo reinterpretados” (Costa, 2012, p. 62). A entextualização trata-se do processo de “repetição” de textos ou discursos em diferentes contextos sociais, de forma que, a partir da situação de interação, esses discursos podem passar a ter outros significados ou serem modificados.

Trabalhar com as agências, eventos e práticas de letramentos possibilita verificar se os processos de ‘entextualização’ se vinculam a ações contra hegemônicas, contribuindo para a construção das identidades dos jovens da periferia. Diante disso, trazemos dois processos de entextualização representativos do diálogo entre a universidade e a comunidade, indicando a importância de realizarmos pesquisas interventoras em Pragmática Cultural (Alencar, 2015).

O primeiro refere-se à entextualização realizada pelo Movimento Arte e Reexistência Periférica. Trata-se da apropriação e ressignificação do termo “reexistência”, uma categoria teórica, proposta por Souza (2011) e utilizada em âmbito universitário. O movimento recém criado extrai esse elemento linguístico para fora de seu contexto interacional de origem e o recontextualiza, entextualizando ou ressignificando a unidade linguística reexistência que se constitui a partir de aspectos sociais, culturais, identitários, históricos e das questões de poder. Ao se definir como movimento de reexistência periférica, fica claro em seu manifesto novas conotações para a reexistência:

Nós, povo preto e pobre da periferia, temos que REEXISTIR. Não concordamos com as propostas de superação da crise apresentadas por esses picaretas, dizemos não às reformas trabalhista e da previdência!!! Acreditamos na força das mulheres, do LGBT e do povo negro!!! Temos direito a mais espaços de lazer, cultura e educação, direito a um sistema de saúde de qualidade, e mais, temos direito à cidade – criar e reinventar, ressignificar o espaço urbano através de onde pisamos, de nossas vivências. Portanto, [...] queremos de imediato a revitalização da Praça da Cruz Grande.



Reexistir para o povo da periferia, seria discordar das imposições do capitalismo neoliberal e além disso, acreditar na força dos grupos sociais que constituem a periferia, reivindicando direitos e propondo soluções para ressignificar os espaços urbanos. Isso indica a construção de novas identidades para os sujeitos da periferia, pois os atores sociais estão utilizando-se da reexistência por meio da arte, construindo uma nova identidade – povo periférico é agora também aquele que reexiste, redefinindo sua posição na sociedade, buscando a transformação da estrutura social opressora.

Isso fica evidente por meio do ato de fala presente no cartaz abaixo: “A arte é nossa arma”, um processo de entextualização que traz a voz da periferia por meio da realização de um sarau de luta, indicando que existem outros discursos e práticas do povo pobre e preto para além da violência disseminada pelas páginas policiais, possibilitando que o ato de fala “arma”, em um sarau de luta, no contexto da periferia, também possa ser significado como arte.

Figura 1. Cartaz



Fonte: Movimento Arte e Reexistência Periférica

O evento de letramento do qual o cartaz é representativo é uma resposta à visão hegemônica de periferia, mostra que o povo negro e pobre está reexistindo através da arte, da música, da poesia, do rap, do rock, do reggae, ou seja, através da palavra-vida, palavra-mundo (Alencar, 2015; Freire, 2013).



O segundo processo de entextualização é oriundo do Fórum Popular da Grande Parangaba e encontra-se em fluxo nos trabalhos realizados pelos pesquisadores do Programa Viva a Palavra sob a coordenação da Professora Dra. Claudiana Nogueira de Alencar. Trata-se de um ato de fala proferido por um jovem da periferia que participou em 2014 do evento de letramento em questão: “Essa Universidade aí quer mudar o mundo e não consegue nem atravessar a rua”, referindo-se à ausência de ações no âmbito da extensão que atendesse às necessidades da comunidade.

A partir dos efeitos desse dizer, Alencar (2015) propõe um desenho metodológico para a Pragmática Cultural voltada para o cotidiano, para as vivências culturais, para os jogos de linguagens, que radicalize a ideia de que linguagem é ação, em todas as suas implicações políticas. Com isso, entextualiza o enunciado “atravessar a rua”:

Foi então que os atos de fala dos jovens dos coletivos ali presentes viajaram provocando efeitos perlocucionários de estranheza, mas também de conscientização e compreensão: nós, professoras ligadas à PROEX, percebemos que não bastava realizar um evento convocando as lideranças comunitárias para que se sentissem acolhidos pelos projetos de extensão, como uma política de boa vizinhança. Era preciso conhecer sua gramática cultural, da qual aquelas lexias faziam parte. Era preciso conhecer suas demandas e tentar se articular de modo dialógico para buscar soluções coletivas (Alencar, 2015, p. 151).

“Atravessar a rua” vem adquirindo outros significados no âmbito acadêmico, indicando a troca de saberes entre a universidade e a comunidade, de maneira que a academia também tem aprendido com os coletivos culturais. A partir desse aspecto dialógico, destacamos a metodologia dos saraus de luta, que na Semana Universitária de 2017 se constituiu em um minicurso ministrado por professores e alunos da Universidade Estadual do Ceará em parceria com os representantes dos movimentos sociais da Serrinha. Nesse sentido, a pesquisa em Pragmática Cultural precisa prescindir de seu caráter interventor e transformador.

Os saraus de luta como jogos de linguagem, pensados como instrumentos capazes de trazer à tona a voz da periferia, por meio dos letramentos de reexistência, possibilitam um exercício de práxis discursiva, porque ampliam as possibilidades de diálogos e reflexões entre universidade e comunidade, possibilitando a articulação entre teoria e prática. Para isso, é preciso “atravessar a rua” e construir conhecimento “com”, e não “para”, os sujeitos da periferia.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, defendemos que as entextualizações, realizadas em práticas de letramentos, se configuram como processos de reexistência. Nossa contribuição para os estudos dos letramentos de reexistência (Souza, 2011) se dá pela reflexão em torno da construção de saberes por meio do diálogo acadêmico e popular em que a construção do conhecimento é um modo de decolonialidade de saber, uma vez que tais práticas de letramento promovem a subversão das ordens indexicais de colonialidade.

Desse modo, entendemos que os sujeitos não apenas resistem às formas de vida de opressão e exclusão, provocadas pelo sistema-mundo colonial capitalista, como criam novas formas de vida, entextualizando experiências, reinscrevendo-se por outros jogos de linguagem, do campo da arte e da política, em um movimento contra-hegemônico anti-capitalista. Assim, ao considerar os eventos analisados como jogos de linguagens, desenvolvemos uma pesquisa-ação a partir da Pragmática Cultural, vertente de pesquisa linguística engajada que visa contribuir para a transformação social.

As abordagens linguísticas situadas, ao considerarem a linguagem como prática social, possibilitam análises que contemplam os aspectos macro e micro, ou seja, a totalidade. Ao focalizar o Sarau de luta que marca a gênese do Movimento Arte e Reexistência Periférica e o Fórum Popular da Grande Parangaba, fica evidente que a linguagem enquanto ação, forma de vida e práxis, possibilita a transformação em um processo dialógico, de maneira que os eventos de letramentos dos movimentos sociais têm afetado e transformado as ações da Universidade Estadual do Ceará (UECE), assim como os eventos de letramentos da UECE, também, tem influenciado e transformado a luta dos movimentos sociais.

O processo dialético é perceptível a partir dos eventos entextualizados, pois constituem experiências de diálogo entre pesquisadores e extensionistas da universidade e os movimentos culturais juvenis da periferia de Fortaleza. Os resultados gerados indicam que é possível construirmos, em diversos jogos de linguagem, modos de produzir conhecimento em favor da vida da população periférica, evidenciando novas relações entre os movimentos sociais e a universidade, em concepções de linguagem



mais comprometidas com um projeto popular que alie teoria e prática na produção de saberes.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Claudiana N. Pragmática cultural: uma proposta de pesquisa-intervenção nos estudos críticos da linguagem. In: RODRIGUES, Marília Giselda et al., organizadoras. *Discurso: sentidos e ação*. Coleção Mestrado em Linguística, 10. São Paulo: Universidade de Franca, 2015, p. 141-162.

_____. *Programa Viva a Palavra: circuitos de linguagem, paz e resistência da juventude negra na periferia de Fortaleza*. Mimeo, Fortaleza, 2014.

ALENCAR, Claudiana N. *Por uma pragmática cultural: cartografias descoloniais e gramáticas culturais em jogos de linguagem do cotidiano (PRAGMA CULT)*. Mimeo, Fortaleza, 2013.

_____. *Linguagem e medo da morte: uma introdução à linguística integracionista*. Fortaleza: EdUECE, 2009.

ARAÚJO, Inês. *A revolução wittgensteiniana: os jogos de linguagem*. In: Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem. São Paulo: Parábola, 2004. p. 99-113.

ARROJO, R.; RAJAGOPALAN, K. *A crise da metalinguagem: uma perspectiva interdisciplinar*. Anais do XXXIV GEL, 1987.

AUSTIN, John. Langshaw. *Quando dizer é fazer. Palavras e ação*. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAUMAN, R.; BRIGGS, C. *Poetics and performance as critical perspectives on language and social life*. Annual Review of Anthropology, v. 19, p. 59-88, 1990.

BLOMMAERT, Jan. *The sociolinguistics of globalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CARVALHO, Sandra Maria Gadelha de, MENDES, José Ernandi. *Práxis educativa do Movimento 21 na resistência ao agronegócio*. In: Revista Interface: a journal for and about social movements. Volume 6 (1): 45 – 73. Maio 2014.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

COSTA, Wanisse Liliam. *Performances Corpóreo-Discursivas de Identidades de Gênero e Sexualidade em Redes Sociais: Estabilidades e Mobilidades em Diálogo/ Dissertação de Mestrado*. Rio de Janeiro UFRJ/Faculdade de Letras, 2012.

FAIRCLOUGH, Norman; MELO, Iran Ferreira de. *Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica*. Linha D'Água, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 307-329, dez. 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 54ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais*. 5. ed - Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GROSGOUEL, R. *Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global* In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Orgs.) *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Ed., 1997.

HOUTART, François. *Os movimentos sociais e a construção de um novo sujeito histórico*. In: A teoria marxista hoje. Problemas e perspectivas, Boron, Atilio A.; Amadeo, Javier; Gonzalez, Sabrina. ISBN 978987118367-8. 2007.

KLEIMAN, Angela. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.

MALDONADO-TORRES, Nelson. *La descolonización y el giro des-colonial*. Tábula Rasa, v.2, n.9, p. 61-72, 2008.

OTTONI, Paulo. *Visão performativa da linguagem*. Campinas: UNICAMP, 1998.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. Apresentação. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p.7-16

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina S.A., 2009. p. 73-118.

SILVA, Daniel. *O texto entre a entextualização e a etnografia: um programa jornalístico sobre belezas subalternas e suas múltiplas recontextualizações*. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 67-84, jan./abr. 2014.

SILVERSTEIN, M; URBAN, G. The natural history of discourse. In: _____ (Orgs.). *Natural histories of discourse*. Chicago: University of Chicago Press, 1996, p. 1-17.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Linguagem e Letramentos de Reexistências: exercícios para a reeducação das relações raciais na escola*. Revista Linguagem em Foco. Volume Temático – Linguagem e Raça: diálogos possíveis. V.8, N.2, ano 2016.

_____. *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

STREET, Brian V. *Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento na etnografia e na educação*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

_____. *Eventos de letramento e práticas de letramento: teoria e prática nos Novos Estudos do Letramento*. In: MAGALHÃES, Izabel (Org.). *Discursos e práticas de letramento*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012, p. 69-92.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Abril Cultural, 1989.

Recebido em outubro de 2017
Aprovado em novembro de 2017

676